

CORREIO PAULISTANO

Jornal lançado no dia 26 de junho de 1854 em São Paulo. Foi seu fundador Joaquim Roberto de Azevedo Marques, proprietário da Tipografia Imparcial, e seu primeiro redator Pedro Taques de Almeida Alvim. Deixou de circular em 1963.

PRIMEIROS TEMPOS

Nascido liberal, o jornal, segundo José Freitas Nobre, em pouco tempo tornou-se conservador: premido “por uma série de circunstâncias, especialmente as de caráter financeiro... teve que ceder à pressão política do Partido Conservador, a ele aderindo de maneira pública, perdendo um pouco do prestígio que conquistara na sua orientação independente”. Em fins da década de 1860, entretanto, rompida a conciliação entre liberais e conservadores, a linha editorial do jornal optou pelos primeiros.

Fundado o Partido Republicano Paulista (PRP) em 1873, o periódico tornou-se seu órgão de divulgação e em 1874 foi comprado por Leôncio de Carvalho, adotando uma linha reformista. Em 1882 assumiu a direção editorial Antônio Prado, que imprimiu ao jornal a orientação de defesa do abolicionismo, e posteriormente de defesa da ordem republicana. Nascido, portanto, como um órgão de imprensa liberal e independente, logo a seguir conservador e dependente do poder político oficial da província de São Paulo, novamente adepto da trilha liberal, abolicionista e republicana, o *Correio Paulistano* tornou-se mais uma vez oligárquico e conservador depois do advento da República, atingindo nesse período sua maioridade e prestígio juntamente com o PRP, então dirigido pelos oligarcas paulistas Manuel Ferraz de Campos Sales, Prudente de Moraes, Antônio Prado e Francisco de Paula Rodrigues Alves, entre outros.

PORTA-VOZ DO PRP

O *Correio Paulistano*, como órgão oficial do PRP, lançou, após o advento da República, a campanha pela constitucionalização, lutando contra as intervenções federais, notadamente em São Paulo. Também como porta-voz do PRP, veiculou os ideais das oligarquias locais, apoiando seus líderes mais proeminentes. O ano de 1928 foi assim comentado: “O ano que ontem decorreu em São Paulo, como para o Brasil inteiro, num

ambiente de perfeita ordem, [assinalou] uma das nossas fases de maior e mais intensa prosperidade... Governa o Brasil um homem de têmpera, do civismo e da honestidade inquebrant veis do sr. Washington Luís. Governa São Paulo um homem de patriotismo, de esclarecida visão e da autoridade moral do sr. Júlio Prestes” (1/1/1929). O editorial ressaltava ainda o clima de “ordem, tranquilidade e trabalho”, destacando a estabilização cambial que aumentava o volume de negócios e o intercâmbio comercial: “A nossa lavoura prosperou. Prosperaram as nossas indústrias.”

O Partido Democrático (PD) de São Paulo era seu alvo principal de crítica, dela não escapando também Joaquim Francisco de Assis Brasil, líder do Partido Libertador (PL) do Rio Grande do Sul (24/1/1929). Ainda em 1929, embora achasse prematura a busca de nomes para a presidência da República, o jornal foi levado a apoiar, já desde o início de agosto, a candidatura de Júlio Prestes ao cargo. Obviamente os candidatos da Aliança Liberal não mereceram nenhum destaque em suas páginas, sendo assim comentadas as eleições de 1930: “Os democráticos não reelegeram seus deputados por falta de votos. E quem não dispõe de elementos eleitorais não pode ter a pretensão de conquistar cargos eleitorais. Acusar-se o PRP porque os venceu, sem esforço, elegante e brilhantemente, numa luta leal em que nada foi negado ao adversário, nem mesmo a licença de descer   agressão insólita à autoridade constituída,   imperdoável injustiça” (5/4/1930).

A partir dos primeiros dias do mês de setembro de 1930, porém, o presidente eleito Júlio Prestes praticamente deixou de ocupar com destaque o noticiário do jornal. E nas vésperas da Revolução de 1930, publicaram-se notícias, ocupando duas colunas do jornal, sobre a manobra militar da 2  Região Militar e da 2  Divisão de Infantaria. Na página 3 do *Correio Paulistano* da edição de 4 de outubro de 1930 noticiavam-se os boatos referentes ao movimento revolucionário com o seguinte título, que se repetiria nos dias subsequentes: “Movimento contra o crédito e a honra do Brasil”. Dizia a matéria: “Circularam, ontem à noite, veiculados por estações radiotelegr ficas clandestinas, localizadas em pontos diferentes, boatos anunciando que em Minas se teria verificado um movimento perturbador da ordem. Não queremos dar crédito a semelhantes notícias, mas se o fato for verdadeiro, devemos, todos, ter a segurança de que as forças do Exército, da Armada e da polícia da maioria das unidades da Federação marchar o prontamente contra os agitadores, jugulando qualquer manobra sediciosa na defesa da República, da lei e das autoridades constituídas.”

Em consequência dos acontecimentos de outubro de 1930, assim como os jornais que apoiaram a situação ligada à oligarquia rural e urbana do PRP, o *Correio Paulistano* deixou de ocupar papel relevante na história da imprensa política do país, passando a ter uma existência secundária. Assim é que o jornal teve sua oficina desapropriada, reaparecendo somente em 1934, como propriedade da Sociedade Anônima Correio Paulistano, sem perder sua função de órgão do PRP. Esse reaparecimento veio com a marca de oposição ao governo de Getúlio Vargas. A eleição indireta de Vargas pelo Congresso Nacional foi assim interpretada: “Consumou-se o atentado contra o espírito republicano e as nossas tradições democráticas” (18/7/1934). Por coerência, contrário à interventoria paulista, o jornal foi sempre desfavorável ao comunismo, ou mesmo a qualquer mudança na legislação com medidas inovadoras ou renovadoras, e sempre favorável à autonomia dos estados. E assim permaneceu no decorrer do período estado-novista (1937-1945).

O PÓS-1945

Quando do processo de redemocratização, em novembro de 1945, o *Correio Paulistano* publicou o seguinte editorial: “Precisamos regressar à normalidade da vida institucional... Justamente porque se supôs, ou se tem mesmo razões para crer, que alguma força se preparava para opor obstáculos à realização do regresso pleno à vida institucional, fez-se um movimento com apoio nas classes armadas. Esse movimento foi vitorioso, em nome da idéia de que era mister a existência de um governo sinceramente empenhado em realizar o pleito de 2 de dezembro. Em boa análise dos fatos, essa é a missão desse governo.”

Quanto às conquistas trabalhistas, eram irreversíveis: “É fora de dúvida que a ação de um governo, mais ou menos inclinado a atender a essas realizações, pode realizá-las mais ou menos rapidamente, facilitá-las ou não, ampliá-las ou não. Mas nunca revogar o que já está feito, ou pensar em deter a marcha normal da transformação político-social que se operou no Brasil” (4/11/1945).

A partir de então mudou a direção do jornal, aparecendo como diretor João Sampaio e como redator-chefe Luís Antônio da Gama e Silva. No pleito de 1950 o jornal apoiou as candidaturas de Cristiano Machado, do Partido Social Democrático (PSD), em nível federal, e de Francisco Prestes Maia, apresentado pela União Democrática Nacional

(UDN), em nível estadual.

Na edição de 25 de agosto de 1954 o *Correio Paulistano* afirmou que, “abatido pela grave crise política, suicidou-se na capital do país o presidente Getúlio Vargas”. A notícia era discreta, ocupando pouco espaço no jornal.

Em 1955 o jornal assistiu a nova mudança, passando a ocupar o cargo de diretor João de Scantimburgo. O *slogan* “Órgão do Partido Republicano” foi substituído por “O jornal mais antigo de São Paulo”, reflexo da pequena expressão do antigo PRP na nova constelação partidária. O jornal passou então a assumir uma linha editorial independente do aval partidário. Tanto assim é que em 1955 realizou apenas a análise das candidaturas à presidência da República, sem se definir claramente por nenhum dos pleiteantes, embora em setembro daquele mesmo ano afirmasse que os antigos perrepistas apoiavam a candidatura de Juarez Távora.

A 29 de outubro de 1955, quando boatos de oposição militar e comentários de golpe militar para impedir a posse dos candidatos eleitos Juscelino Kubitschek e João Goulart circulavam por toda parte, o jornal defendeu a legalidade, apesar de o “sr. João Goulart não ter qualidades para o exercício da vice-presidência: foi porém eleito, e deve ser empossado, devendo, outrossim, sua posse ser garantida” (29/10/1955).

Nas eleições de 1960 o diretor do jornal, João de Scantimburgo, em comentário assinado, divulgou a candidatura do marechal Henrique Teixeira Lott à presidência da República. Coincidiu com a derrota do candidato o fato de o diretor do jornal deixar o cargo, assumindo em seu lugar Péricles Eugênio da Silva Ramos como diretor e redator-chefe. O *Correio Paulistano* apresentou então um novo *slogan*: “O bandeirante da imprensa paulista.” E foi com esse *slogan* que, após deixar de circular durante dois meses no decorrer de 1963, retornou a público divulgando a figura de João Goulart e criticando Carlos Lacerda. Finalmente, o periódico deixou definitivamente de ser editado em meados do segundo semestre de 1963.

Amélia Cohn
colaboração especial